

DA PROFICUIDADE DA MIGRAÇÃO DAS PALAVRAS NA LITERATURA AO SEU DESVIRTUAMENTO NA IMPRENSA

Mário Pinto

Professor

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UFP

mpinto@ufp.pt

Resumo

A importância da migração das palavras para diferentes contextos de uso, propiciados pela sua geografia peculiar, no âmbito da literatura coeva, terreno privilegiado para a sua ocorrência. Contributo da concretização deste movimento para a ampliação da pluralidade das significações e diversificação do leque de utilizações das palavras. Enfocadas a partir de cinco ângulos de abordagem prioritários: os portugueses, a partida, o amor, a mulher e o homem. Desaproveitamento e desvirtuamento, na imprensa, das potencialidades proporcionadas pela ductilidade da linguagem.

Palavras-chave

palavras, migração, proficuidade, literatura, desvirtuamento, jornalismo

Abstract

The importance of word migration into other context, made possible by its peculiar geography, in coeval literature, the propitious site for it to happen. Importance of this movement concreteness to amplify the signification variety and diversification of word use situations. Watched from five priority approach angles: the Portuguese, the departure, love, woman and man. The waste and tainting, in press, of all potentialities made possible by language malleability.

Key-Words

words, migration, utility, literature, tainting, journalism

1. INTRODUÇÃO

Deparmos com não negligenciável quantidade de palavras utilizadas em situações que excedem (por vezes, em muito) o seu significado natural, etimológico, inclusive sentidos adjacentes, ou seja, que ultrapassam os limites que a sua geografia de uso lhes atribui e impõe, tornou-se tão recorrente que o facto deixou de constituir surpresa. Prática de uso assaz vulgarizada e que decorre, na maior parte dos casos, não da atonia das palavras mas, antes, da sua necessidade de arejamento, da não confinação à clausura a que a sua geografia as votou e circunscreveu.

Migrações, pois disso se trata, que tanto podem revelar-se de irrefragável proficuidade, no que ao alargamento do significado das palavras e do seu campo de utilização concerne, desde que observados determinados requisitos – por exemplo o preceituado por Saramago (1986: 125), o imperativo de passar “o escrito a palavras menos barrocas e construções mais arejadas” – quanto de inquestionável perniciosidade, se estocasticamente efectuadas. O que pode sobrevir, entre pletora de outras situações, em frases que, segundo Baptista-Bastos (1984: 13), parecem “um harmónio a encolher e a distender-se consoante o afluxo de adjectivos”, frases que para Saramago (1986: 205), “obviamente ofendem a gramática e a lógica por excesso de lógica e talvez de gramática”. Destarte acabando por levar os leitores a incorrerem em quiproquós do cariz do plasmado por Baptista-Bastos (1981: 120) quando, baseado em vivências anteriores (“A experiência ensinou-me que ler, algumas vezes, é uma sedação – não uma sedução.”) e acreditando poder encontrar na leitura um refrigério para os seus tormentos, vê gorada esta expectativa balsâmica (“A harmonia interior tão ardentemente ambicionada é-me negada”), o que o leva a admitir (*id.: ibid.*) como plausíveis as dificuldades com que outros possam vir a confrontar-se “na vã tentativa de organizar as ideias e de fixar o pensamento no conteúdo do que está escrito.”

Importa, por isso, apurar se estas migrações se justificam, se de algum modo contribuem para o avigoramento das palavras (*et pour cause*, das frases) ou se, ao invés, as desvirtuam. É o que nos propomos aferir com a reflexão ora encetada.

Reflexão para a qual, dada a abrangência do tema em apreço, se nos afigurou de plena pertinência seleccionar dois campos de pesquisa preferenciais – literatura e jornalismo, que são, concomitantemente, dois dos terrenos privilegiados de utilização das palavras – e disseccioná-los sob dois prismas dicotomicamente antitéticos: proficuidade vs desvirtuamento.

Estratégia que, atinente a amplitude do campo por que cada um dos parâmetros de análise se estende, ser tão fecunda a matéria que os imbui e deles ressumbra, e tal a magnitude dos ângulos de enfoque seleccionados, reputamos a mais adequada. A qual não consegue, no entanto, elidir totalmente a apreensão com que perspectivamos a abordagem, tais os constrangimentos inerentes ao imperativo de conciliar temática tão ubertosa – não obstante uma leitura à *vol d'oiseau* a indiciasse confinada (e entre eles rigidamente espartilhada) aos dois marcos delimitadores – com a exigência de respeitar o espaço disponibilizado, a ele ter de cingir a reflexão, e o receio das implicações daí decorrentes. Precipuaemente não conseguirmos dar uma resposta satisfatória ao aliciante repto que nos é lançado, o que, acabando por aumentar incomensuravelmente a angústia que sempre subjaz às escolhas, nos deixa, *hic et nunc*, na situação (à qual faz jus) lapidariamente descrita por Baptista-Bastos (1984: 97): “O mal das escolhas é que só depois sabemos se acertámos ou não.”

Convém, por isso, *ab initio* estabelecer que os parâmetros sob os quais nos propomos equacionar a questão serão disjuncionados em separado – procurando assim tirar o melhor partido das potencialidades endógenas –, e só no fim averiguado o resultado das migrações das palavras nos dois domínios em apreço.

2. LITERATURA

Migrações que, é consabido, podem assumir diversas cambiantes (daí resultando maior ou menor proficuidade), consubstanciar voos mais extensos, inclusive para regiões pontificadas por inopinada implausibilidade. Como, *verbi gratia*, em qualquer uma das próximas frases e expressões que, não obstante o seu pendor aparentemente anódino, não nos deixarão indiferentes, porque eivadas de conteúdos indutores de pausas reflexivas. É o caso, desde logo, da definição de medo dada por Baptista-Bastos (1987: 145): “O medo também é escuro e silencioso; e tem cheiro. O cheiro do medo é húmido e pegajoso.” Recorrer a um carrossel de sensações – em que, em inaudita simbiose, se misturam as visuais com as auditivas, as olfactivas e as tácteis (só faltando mesmo as gustativas) – para sinestesticamente descrever um sentimento (tão pouco aprazível, convenhamos, e nada compaginável com uma sociedade hedonista, como a hodierna), além de inusual não se afigura sequer o mais curial. *Malgré tout* resulta, graças ao jogo de implícitos/explicítos de que o autor retirou cabal partido.

Outro tanto se passa com o próximo conjunto, jogos de palavras e conexões semânticas em que a ductilidade da linguagem, coadjuvada por magistral construção frásica, permite a Lobo Antunes (1986a: 120) capitosas constatações, tais como “a ausência de talento é uma bênção, verificou ele; só que custa a gente habituar-se a isso.”, e a Baptista-Bastos (1991: 28) nilisticamente discretear sobre conceitos tão dicotomicamente antitéticos quanto mentira e verdade: “Mentir, no fundo, não é fugir à verdade. É fugir à realidade. A realidade é-me insuportável.”, ou (*ibid.*: 81) “Para que a verdade se torne convincente é necessário mentir.”

Não menos indutoras de momentos de justificada reflexão, dado o bem boleado das frases em que são veiculadas e a profundidade conteudística de que vêm imbuídas (mesmo não passando, por vezes, de verdades comezinhas), são estas asserções em que Saramago (1986: 104), cáustico, reconhece que “Muito mais e muito melhor que as boas lições, sempre prosperaram e frutificaram os maus exemplos”; ou quando, em manifesta abjuração de todo o hedonismo, Baptista-Bastos (1991: 29), judicioso, admite a inutilidade de qualquer esforço (“percebera que habitava num mundo sem transcendência e de transigência, no qual todos os gestos eram antecipadamente inúteis.”). Posturas de desistência que, no caso do segundo, o levam a excruciantes exercícios de introspecção retrospectiva em busca da almejada catar-se e a reconhecer (*id.*: 146): “Não se pode dizer que tenha sido um êxito a minha vida.”

De cariz diferente é este exemplo, recolhido em Saramago (1982: 40) – “Riu-se de gosto antecipado o mestre, como se estivesse fazendo seus próprios planos de navegação carnal e calculando os proveitos da abordagem.” – assente numa adjectivação insofismavelmente *contra naturam*, resultado imediato de pospor o adjectivo carnal (com toda a carga, depreciativa e pejorativa, a ele inerente) a um nome (‘navegação’) com o qual não tem a mínima afinidade, é de todo em todo incompatível e a que só a migração verificada confere sentido.

Creemos, com os escassos exemplos aduzidos, ter deixado cristalino (por deles ser imediatamente inferível) que se as palavras têm um contexto de utilização próprio que é, no fun-

do, o resultado do seu significado concreto, este não é de monolítica rigidez. Ou seja: se o contexto de uso pode ser mais ou menos amplo, conforme o grau (maior ou menor) de polissemia das mesmas, a sua geografia peculiar permite que, além deste, elas apareçam com frequência transpostas em diferentes contextos onde o seu significado literal seria dificilmente entendível (quando não de todo ininteligível) se a sua geografia as não dotasse da ductilidade imprescindível para as tornar perceptíveis mesmo em frases com cujo conteúdo não são compagináveis.

Usos que a ontogénese dos vocábulos não legitima – nem nela poderemos procurar a legitimidade que os justifique –, e que só a sua migração viabiliza. Recorramos por isso a um exemplo esclarecedor. À semelhança das aves (com as quais o vocábulo migração¹ é de imediato conotado) e do homem, que migram (no sentido literal do termo) – por necessidades de sobrevivência inerentes à sua própria idiossincrasia as primeiras, e de índole laboral cíclica o segundo – também as palavras extrapolam recorrentemente o seu contexto de uso (espaço natural demarcado pelo seu significado linear) para outros pouco ou nada afins em que, exornadas de novas acepções, sobrepujam com sucesso o obsidente e claustrofóbico sentido etimológico. Glissando, inclusive e amiúde, para outros, eivados de azebre, explícito ou implícito: o primeiro, quando Cardoso Pires (1987: 29) afirma que “Padres e jesuítas era fauna que não frequentava.”; o segundo, quando conclui (*ibid.*: 429) que “Os padres só quando deixam de ser padres é que descobrem as chamuscas na terra.”

Como também nestoutro exemplo acontece (*id.*: 252): “até que de repente, já [...] bem senhor de si, lançou-se a ela para os devidos efeitos. «Vade retro, [...]», bradou-lhe a sábia inocente.” De recorrente utilização no fecho da plethora de petições e requerimentos a que burocracia em que vivemos mergulhados nos compele, a expressão “para os devidos efeitos” a esse fim tem o seu uso quase confinado; deparar com ela – após ter sofrido tão insólita migração – no contexto em que surge (não obstante permanecer perfeitamente perceptível), só pode ser causa de perplexidade.

Desnecessário se torna referir, porque por demais evidente, não constituir o azebre (que pontifica nos dois exemplos precedentes) condição indissociável da existência da migração vocabular; ao invés, esta acontece também, até com maior recorrência, em expressões cuja construção se pauta por um irrefragável aticismo da linguagem, não obstante tratem de temas excruciantes, em que a tónica é posta na vertente lábil da vida, a sua última fase. Situação magistralmente descrita por Baptista-Bastos (1987: 144) que, após asseverar, “Envelhecer era uma humilhação e um vexame”, define este estádio com cruel realismo (*id.*: 82): “Mas tinham envelhecido, entretanto; e circunjacente, uma vasta geografia de ruínas sentimentais. Estavam apenas agarrados ao velho hábito de viver, conciliados com antigas razões e antigos pretextos.”

Atonia pânica plasmada (com indisfarçada acrimónia) de forma ainda mais disfórica – porque eivada de lúgubre ironia – por Lobo Antunes (1986a: 27) quando, coisificando-os, se refere aos gerontes nestes termos: “inquietações das damas e valetes de um baralho terrível cujos

¹ Que, segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 2467), significa: “1. Acção de mudar de uma zona para outra; acto ou efeito de migrar.”

lugares na mesa se reconheciam através da localização das embalagens de remédios.” e (*id.*: 33) “em praças habitadas, em doses equitativas, de reformados e de pombos, uns e outros esquecidos já da alegria de um voo.”

Arejamento das palavras – conseguido graças a um lábil esmaecimento do significado de que supostamente eram incindíveis –, que encontra na literatura o seu terreno de eleição, como de forma perfunctória já assinalámos. Porém, não sendo, por motivos óbvios, possível proceder a ecrástica disquisição (muito menos à adução) da infindável panóplia de exemplos corroboradores, afigurou-se-nos que para tornar menos dispersiva a leitura das páginas que se seguem o mais indicado seria destacar uns quantos parâmetros de análise e sobre eles focar a reflexão.

Nada melhor, portanto, com vista à consecução deste desiderato, e esquisado que está o núcleo central da abordagem em curso, do que passar à apreciação casuística dos itens que na literatura hodierna consubstanciam o terreno mais fértil para a migração das palavras. Começaremos, pois – até para, no dizer de Baptista-Bastos (1984: 13), “dar ordem à procissão desencontrada dos pensamentos” –, pelos mais glosados (alguns dos quais omnipresentes) e, por isso, os mais pregnantes.

2.1. PORTUGAL / PORTUGUESES

No que a este item concerne, alvo de reiterado escrutínio, é gritantemente evidente o pendor crítico subjacente a muitas das migrações operadas, amiúde de irrefragável implausibilidade. A começar pela demolidora definição que dele dá Cardoso Pires (1987: 28): “Isto não é um país, é um sítio mal frequentado”, passando por outras não menos constrangedoras, tais como esta (de inquestionável veridicidade), em Baptista-Bastos (1991: 39): “Mas Portugal era um país prisioneiro de velhas doenças endémicas: ignorância, superstição, mediocridade, provincianismo.”, “Um país hemiplégico”. Insólito a que, ainda segundo o autor (*id.*: 47), não será alheio este facto comezinho: “A mediocridade, em Portugal, não é um sintoma de decrepitude: é estimulado, tem viço [...], envolve tudo e todos, enreda-se, sufoca.”

Perante cenário tão apocalíptico quanto o descrito e em que, no dizer do autor (1991: 117), “até o passado é uma dúbia memória vista através de um fosco espelho retrovisor”, não pode surpreender a sua asseveração (*id.*: *ibid.*) de que “os portugueses vivem num crisol de inveja, despeito e ódio; absurdos e anacrónicos desencontraram-se com a História e a História não esperou por eles”.

Peculiaridade que, idiossincrásica, permanece e tende a perpetuar-se, afirma Cardoso Pires (1987: 101), “hoje o português era um animal a curto prazo, nunca ia até às últimas consequências”, o que, permitindo a Baptista-Bastos (1991: 142) asseverar que “Ser português não é uma nacionalidade: é um calvário.”, torna menos perplexizante a insólita proposta de Lobo Antunes (1986b: 26): “Sempre apoie que se erguesse em qualquer praça adequada do País um monumento ao escarro, [...] algo que contribua, no futuro, para a perfeita definição do perfeito português”.

2.2. PARTIDA / MARINHEIROS

Intrinsecamente ligado ao parâmetro precedente, e não menos flagelado que ele, é o que se reporta à partida. Determinada, segundo Baptista-Bastos (1987: 203), por “um imperativo desejo de habitar outra aventura num outro espaço.” – consequência inexorável de outras geografias. Por um lado, a localização espacial – a isso proclive, segundo o autor (*id.*: 13), porque “O Tejo sempre foi um rio de partida, nunca de chegada: de ali se partiu e parte para a descoberta, para a conquista, para o saque, para a aventura” – e, por outro lado, o desenraizamento atávico (*id.*: 94): “Somos como os marítimos de longo curso: não criamos raízes em parte nenhuma”. Mas consequência outrossim da condição de marinheiro ou do que dela resta (dado o seu inelutável esvaziamento), *statu quo* exprobrado tanto por Baptista-Bastos (1991: 45): “Portugal, país de marinheiros, não tem barcos, não tem mais nada. Só vestígios.”, quanto por Lobo Antunes (1986a: 65): “Georges anda ver o meu país de marinheiros a navegar nas águas insensas da subserviência resignada.”

2.3. AMOR

Se, como reportando-se à extrema pobreza da antecâmara deste sentimento, Álvaro Guerra (1985: 41) afirma – “verificou que as suas relações afectivas eram um deserto onde apenas avultavam modestos oásis” – , ele pode ser detonador de medidas radicais conducentes à sua anulação *ad aeternum* (“fechou para sempre o coração no estojo blindado da castidade absoluta.” (*id.*: 73)), a verdade, contudo, é que o amor sentimento está omnipresente na literatura (diacrónica ou sincronicamente perspectivada), assumindo o conceito as mais diversas cambiantes.

Tão dicotómicas quanto, nos antípodas uma da outra (com a primeira em inequívoca sinonímia de carinho, ternura), o são estas duas: a de Baptista-Bastos (1987: 206), segundo o qual “Aqui a todos faltara qualquer coisa em pequeno: chá ou berço, escola ou amor.”² (carência a que atribui (1991: 147) a sua congénita inaptidão para o amor: “Se calhar nasci sem beijos e desprovido da capacidade de amar;”) – e a de Agustina (2005: 191), que acerca do amor postula: “não se descobrira senão que era uma doença incurável mas passageira”.

2.4. MULHER

Se a geografia do vocábulo mulher torna possível o seu uso numa ampla e heterogénea gama de contextos – tão omnipresente é, que nos cingiremos a dois registos – , o que verdadeiramente surpreende é o inusual dos locais para onde se processam as migrações. Irrefutável no caso do verbo escolhido por Lobo Antunes (1986b: 47) quando alude a “uma espécie de botija de gascidla [...] sempre pronta a queixar-se dos beliscões com que os soldados lhe homenageavam as nádegas”.

² Campo semântico que completa e explicita com as afirmações “Aqui construíamos brinquedos ingénuos e tontos, e sentíamos-nos agasalhados de ternura quando o dia fechava sem apanharmos tarefa.” (*id.*: *ibid.*) e “Aqui morriam muitos miúdos e não o faziam de propósito para viajar até ao céu: morriam de miséria.” (*id.*: 207).

Mas não menos insólito neste – que como demonstração cabal da heterogeneidade de prismas sob os quais este item é passível de ser equacionado, aduzimos – que, não obstante nada ortodoxo, consubstancia, pelo insólito, o cariz poliédrico do alvo disquisicionado: “Não seria estúpida de todo – disse o obstetra –, mas há coisas que vêm nos cromossomas, que demoram gerações e gerações a aperfeiçoar, a polir. O bom gosto, por exemplo. [...] Não há nada de nada a fazer.” (L. Antunes, 1988: 108).

2.5. HOMEM

Não menor que o precedente (sobre a mulher), é o escrutínio de que também o homem é alvo e, à semelhança daquele, nada abonatório (mesmo abstraídas situações pontuais extremas, por demais vexatórias, e *tutti quanti* eivadas de qualificações outrossim anatemizantes). Desde logo pela forma oximórica como é apresentado, *verbi gratia* por Baptista-Bastos (1991: 48): “Falaram, entre outras estimáveis inutilidades, do homem.”, e pelas características que dele são vincadas, entre as quais pontifica a propensão para a traição (“Criar amizades não é difícil. Difícil é mantê-las. Porque a amizade é um sentimento tirânico, e o homem nasceu com um carácter traiçoeiro em relação aos outros homens.” (1987: 101))

Como se o cenário descrito não fosse já *de per se* assazmente fustigador, o autor (1987: 182) aduz ainda: “Depois, devo dizer-lhe que qualquer homem é um delinquente que caminha sempre para uma ou outra forma de encarceramento. Ser encarcerado faz parte da trágica condição do humano.” Propensão que justifica (*id.: ibid.*) pelo recurso ao historial deste – “O homem leva nove meses para nascer [...]; tudo isso sempre encerrado, encarcerado: na placenta [...], no esquite. E a história dos homens é a história de uma interminável proibição.”

Mas, tendente a suavizar (e, de certo modo, edulcorar) os tons carregados do retrato e para obstar à ideia de que nem tudo é outrossim decepcionante no homem, nem se confirmar estar ele excluído do “alfabeto das paixões”, Baptista-Bastos (1987: 66) concede ainda “que todo o homem traz na alma um bairro, uma cidade. [...] São as suas pátrias portáteis e íntimas, os seus modestos e pequenos mundos azuis” e (1991: 59), que “São os homens com problemas que fazem o mundo mover-se.”

3. JORNALISMO

Concluído o breve excursus a que antes procedemos, confirmada a pertinência e proficuidade da migração das palavras na literatura coeva, debrucemo-nos agora sobre o texto jornalístico – é óbvio que salvaguardadas as especificidades deste discurso, suas finalidades e condições em que é elaborado – no sentido de aquilatar se também nele se verificam essas migrações e qual o impacto das mesmas. Tendo, ademais, sempre presente o imperativo de não confundir o que são migrações, na verdadeira acepção do termo, com o que não passa de meras transposições – empregos incorrectos de palavras e construções deficientes (anfibológicas, solecísticas, redundantes) –, absolutamente destituídas de legitimidade (e, não raro, de nexos), como os exemplos a seguir reproduzidos demonstram cabalmente:

Nesse sentido, as últimas 24 horas foram em quase permanente ligação telefónica entre as três soluções possíveis para tentar pôr fim ao ciclo populista do partido (...).

PEDRO PASSOS COELHO É PARA JÁ O ÚNICO CANDIDATO ASSUMIDO [...] **O COMBATE AO EMPREGO TERÁ PRIORIDADE** NO SEU PROGRAMA (*Expresso*, 19/4/2008, p. 2, AS.)

Foi o bastante para nova convulsão. Capucho opôs-se ao **quase abandono do laranja pelo azul** e o PSD/Madeira anunciou que não respeitará o novo logótipo. (*Expresso*, 15/3/2008, p. 5, AS.)

(...) Paulo Campos, vai propositadamente à Madeira, na próxima quarta-feira, para anunciar a liberalização dos **voos aéreos** para a Região. (*Expresso*, 19/4/2008, p. 8, SM/AS/CF.)

Abstraídas situações extremas, do cariz das precedentes – que críamos erradicadas, mas que, afinal, não são tão raras quanto o imaginável (e desejável) – consubstanciadoras de deplorável laxismo, passemos então a transposições como as próximas, susceptíveis de configurar as pretendidas migrações:

É verdade que não se espera o fim dos contratos a prazo – até porque, apesar da **diabolização** feita pelos sindicatos, eles são fundamentais para responder às necessidades das empresas (...). (*Diário Económico*, 23/4/2008, Editorial, p. 56, AM.)

Se o mote da manifestação foi a contestação à lei dos partidos, **mostraram um cartão vermelho** às políticas de educação, saúde e emprego do Governo (*Público*, 2/3/2008, p. 9, JFC.)

Conquanto em contextos de uso para eles fora do comum (um editorial e uma notícia), quer o vocábulo quer a expressão em negrito são perfeitamente entendíveis, não afectando a sua utilização a compreensibilidade das frases em que vêm inseridos. No que à primeira concerne porque, não obstante dificilmente compaginável com o léxico estritamente noticioso, o sentido etimológico se adequa inquestionavelmente ao contexto em que é usada na frase transcrita. Outro tanto acontece com a segunda: apesar de atavicamente ligada ao mundo do futebol, de onde emana para se espargir pelos mais variados âmbitos (legitimada pelos dicionários), é insusceptível de reparo, pois toda a envolvente frásica – não obstante reportada a um domínio específico, a política, sem a mínima relação com o sentido original da expressão – garante a sua inteligibilidade. O que nos permite asseverar que, embora tratando-se de utilizações inusuais, não só não afectam a compreensibilidade das frases em que são aqui usadas como contribuem para demonstrar o quanto carece a linguagem de ser arejada.

Imprescindibilidade óbvia e, ademais, única forma de obstar a que – dada a aridez intrínseca de certos temas e a monotonia vocabular inerente ao seu relato (quase sempre assente em fórmulas que se repetem à exaustão) – os procedimentos actuais, monolíticos e desajustados, cristalizem, destarte contribuindo, por manifesta falta de uso, para transformar em necrópoles franjas substanciais do léxico que, de facto, não são (nem podem ser) cemitérios, até por a língua não ser um corpo morto mas, antes, algo vivo e em permanente actualização.

Actualização que, no entanto, pressupõe (e reclama) a observação de determinados condicionalismos, o preenchimento de certos requisitos, pois, como é evidente, o desiderato almejado (arejamento do léxico) não pode implicar (nem, tampouco, significar) total ausência de critérios, muito menos ser ditado pelo estocástico, o que, a verificar-se, conduziria inelu-

tavelmente a uma permissividade (quando não promiscuidade) com a qual é inimaginável pactuar, até pelos resultados já hoje notórios na quase babel que muitos textos jornalísticos são. E que decorre, por norma, de contemporizações e inobservâncias diversas. Precipua-mente usos inadequados.

E tal como ninguém estará à espera (mesmo numa coluna de opinião) de deparar com uma linguagem tão rebuscada quanto esta

Daqui até à resolução da crise vão **abeberar-se** muitas noções, compendiar muita sabedoria, afigurar muita conjectura. [...] Em primeiro lugar, note-se o fino uso do **compelativo** na construção do discurso.

Eis aqui o chamativo, convocando a atenção geral, dispersa então pela sucessão de nomes que brotavam como **agáricos na abastosa flórula** social-democrata.

Há muito que a **acaciana** política portuguesa não produzia um pensamento tão abrangente e conotativo. (*Diário Económico*, 23/4/2008, p. 53, JPG.)

– é mesmo admissível que parte não despidiendos dos leitores ignore o significado de alguns destes vocábulos o que, ao inviabilizar liminarmente a sua descodificação impede a passagem da mensagem, *et pour cause* da informação – muito menos preparado estará para se ver confrontado com usos em que pontifica o desconhecimento, pelo jornalista, do verdadeiro significado da palavra (como nos dois próximos exemplos), o que é deplorável em quem tem como missão informar:

Sol baixo **encadeou** motorista da Joalto, nos arredores de Coimbra

Segundo o administrador, o motorista da Joalto terá sido **encadeado** pelo sol quando embateu contra (...). “Disse-me que o sol estava bastante baixo e o encandeou³ (...)”.

Cidália Duarte, passageira do autocarro da Joalto, relatou a mesma versão do **encadeamento** com a luz solar e disse que (...). (*Jornal de Notícias*, 16/4/2008, em linha, s.a.)

“A mãe e o pai de Pedro Santana Lopes”, lia-se no título da prosa, e o **mau-estar** foi tal que o líder parlamentar escreveu ao Provedor do Leitor do ‘DN’ a queixar-se. (*Expresso*, 19/4/2008, p. 7, AS.)

Usos outrossim inadequados – porque assentes em extrapolações abusivas, por demais flagrantes, da etimologia das palavras (aqui, o vocábulo *hostes*) – são os dos próximos exemplos (que, aliás, são, concomitantemente, apodixe de outro vício que pontifica no discurso jornalístico hodierno: o uso recorrente (e neles irrefragável) de vocábulos e expressões de cariz popular e/ou menos ortodoxo (em negrito)):

3 Não pode deixar de constituir surpresa que o jornalista, que grafa sempre (três vezes) erradamente o verbo (“encandeou”), o tenha feito correctamente ao transcrever as palavras do administrador da empresa.

O plano da pólvora que Menezes **abortou**

A antecipação de Aguiar Branco perturbou as **hostes** contestatárias da actual direcção social-democrata. [...] Na opinião destes críticos, com a política a **ir para banhos** já em Maio, **a reboque do** Euro de futebol, o ideal era alimentar o Verão com pequenas **achas para a fogueira**. (*Expresso*, 19/4/2008, p. 4, AS.)

Como ganhou o poder, Barroso conseguiu acalmar ligeiramente as **hostes**, mas mal ele se foi embora, Santana **provou o fel difícil da laranja**. (*Diário Económico*, 23/4/2008, p. 2, DA.)

Algumas das quais no limiar do ridículo, porque sem a mínima plausibilidade de utilização, e que só um absurdo desejo de singularização pode, por puro pretensiosismo, ter ditado. Seja ostentando erudição (através do recurso a anglicismos) seja substituindo expressões consagradas (e dicionarizadas) por outras pretensamente mais finas, seja, ainda, hipótese não despreciada, por, à ânsia de singularização antes referida se aliar um pensamento sincrético, como nos dois últimos exemplos:

Moral hazard, release 3.0

Por isso, optam pelo socorro, mas ao fazê-lo incentivam o "**moral hazard**". (*Jornal de Negócios*, 19/3/2008, p. 35, CL.)

Só Marcelo poderia **despentear** o país, e à boca das eleições, assustar Sócrates. [...] É tempo de **despentear** o país. (*Jornal de Negócios*, 4/4/2008, p. 40, RV.)

Não sendo Marcelo – o único que em seis meses poderia **despentear** Sócrates – é provável que a "boa moeda" vença a "má moeda". (*Jornal de Negócios*, 23/4/2008, p. 52, RV.)

Handicap substancialmente agravado pela plethora de modismos espúrios – subjacentes à utilização cíclica de certos vocábulos ou expressões de todo em todo inadmissíveis nos contextos em que surgem, com os quais literalmente nada têm que ver – e pelo mimetismo, outro dos pecados capitais do discurso jornalístico hodierno.

Ir a jogo

Vá lá, desta vez José Pedro Aguiar Branco parece estar disposto a **ir a jogo**. [...] Aguiar Branco está a pagar caro o enorme erro de **não ter ido a jogo** nas últimas directas contra Menezes e Marques Mendes. [...] **Foi a jogo**, perdeu, manteve-se crítico, **foi a jogo** de novo e ganhou. [...] Agora percebeu o que significa **ir a jogo**: [...] **Ir a jogo** sozinho é bonito, mas nem o Ghandi fazia isso. (*Diário Económico*, 18/4/2008, p. 2, RC.)

Se Santana decidir **não ir a jogo** e não houver nenhum outro nome a substituí-lo nesta ala (...). (*Diário Económico*, 23/4/2008, p. 46, MG.)

Com o problema orçamental por resolver, o Governo **deu gás** político à máquina fiscal. (*Diário Económico*, 17/4/2008, Editorial, p. 56, BP)

Branquinho recusou-se, aliás, **a dar mais gás ao** assunto, que entretanto motivara um coro de protestos dentro e fora do partido. [...]

(...) o próprio Santana **deu** indirectamente **gás a** boatos lançados na altura sobre a vida privada do líder do PS. (*Expresso*, 19/4/2008, p. 7, AS.)

No entanto, é preciso que as empresas não **comam** esta pequena folga. É preciso que o mercado funcione e que as empresas reflectam no preço final a descida do IVA. (*Diário Económico*, 27/3/2008, Editorial, p. 64, BP.)

Inflação **come** poder de compra pelo terceiro ano (*Jornal de Negócios*, 29/4/2008, p. 1, s.a.)

Mas se os exemplos atrás aduzidos consubstanciam uma situação *de per si* demasiado grave para que perante ela possamos ficar indiferentes, que comentários tecer acerca dos próximos, recolhidos da rubrica nobre do jornal, o editorial, onde o respeito pelo idioma pátrio é subcessivo ou inexistente, não obstante sempre da responsabilidade de directores (e seus adjuntos na chefia) que demonstram não primar pela elevação da linguagem – ao invés, a tónica é mesmo a falta de dignidade linguística – do que estes exemplos são apodixe (plebeísmos, disfemismos, anacronismo, incongruência e, a concluir, uma confusão injustificável (de um condicional com um presente)).

Apresentou as mudanças, fixou o calendário e **deu o palco** a José Sócrates para que o primeiro-ministro fizesse uma intervenção sem aspereza [...] **com um trunfo na manga**: um corte nos impostos pagos pelas empresas e, ao mesmo tempo, **um piscar de olho** aos trabalhadores. **A quadratura do círculo**, portanto. [...] E chegamos ao segundo ponto: **o piscar de olho** aos trabalhadores. (*Diário Económico*, 23/4/2008, p. 56, AM.)

Escarafunchar um pouco por entre as tabelas que integram o documento (...). [...] Entre os Estados-membros mais recentes, a **pedalada** vai manter-se vigorosa, (...). [...] Sócrates garantiu um bolo rei, Bruxelas diz que a Portugal apenas **vai calhar a fava**. [...] Entre a insensatez e a imprudência, **venha o diabo e escolha**. (*Jornal de Negócios*, 29/4/2008, p. 3, JCS.)

Para agravar as coisas, a crise internacional **fareja** o país com insistência e não deixará de fazer vítimas. (*Diário Económico*, 2/4/2008, p. 56, AM.)

E não é depois, quando o porta-moedas ficar **sem um tostão**, que se deve começar a enfrentar o problema. (*Diário Económico*, 22/4/2008, p. 52, SO.)

Qualquer abertura será **benvinda**. E não precisa de ir tão longe como na CGD, onde sabemos que gastou 8.089 euros em telefones, (...). (*Diário Económico*, 9/4/2008, p. 48, PMP.)

Dita por Ana Jorge, a frase não surpreende. A **sucessora** de Correia de Campos é, nesta matéria, uma espécie de passivo-agressiva. Parece inofensiva e apagada, o

contrário do inflamado **sucessor** que **abria o peito a todas as balas**. (*Diário Económico*, 15/4/2008, p. 64, AM.)⁴

E pronto, lá chegou a declaração, tímida e quase sussurada, um fio de voz que mal se ouviu. [...] Simplesmente, reconheceu que a crise internacional pode – **reparem no condicional** – pode prejudicar as exportações portuguesas. (*Diário Económico*, 18/4/2008, p. 64, AM.)

CONCLUSÃO

Aqui chegados, percorrido o alfabeto dos afectos (mais conforme à verdade seria até falar de desafectos) que ao longo das páginas precedentes foram sendo disquisitionados no breve excuro por alguns dos mais emblemáticos representantes da literatura coeva (seus lídimos *crème de la crème*) e por diversos jornais, cremos poder asseverar, haver sido amplamente alcançado o anelo que nos propusemos – demonstrar a proficuidade da migração das palavras e o seu inexcedível contributo no enriquecimento do texto, pela ampliação dos sentidos – no que à literatura concerne, e a sua não consecução pela imprensa.

Desiderato que sem a ductilidade trazida à linguagem pela ininterrupta corrente migratória das palavras revelar-se-ia inexequível, pura utopia. Razão por que o insucesso, no caso da imprensa, não constituindo verdadeira surpresa antes confirma as nossas expectativas. Não só por estarmos perante discursos diferentes, com diferentes finalidades – com o literário a visar preferencialmente a fruição e o jornalístico a ter que ser imediatamente útil, informativo – o que pressupõe o preenchimento de requisitos de outra índole, alguns dos quais idiossincrásicos: precipuamente a objectividade, que, ao subjazer-lhe como condição *sine qua non*, lhe cerceia o campo onde estas migrações poderiam ocorrer. *Handicap* agravado pelo laxismo com que a generalidade das transposições é efectuada (como atrás demonstrámos) as quais não constituem, *ipso facto*, mais do que estultos erros de uso. Quando, ao invés, poderiam consubstanciar um manancial de possibilidades, até porque a linguagem, dada a sua necessidade de arejamento, não as enjeita.

Facto de que ao longo desta reflexão demos desprezioso testemunho: apesar de não nos incluímos no contingente dos admiradores confessos deste incessante intercâmbio – somos, pelo contrário, assumidamente proclives ao rigor da selecção vocabular –, a ele recorremos inúmeras vezes, mais exactamente sempre que se nos afigurou que a palavra reputada mais adequada segundo os cânones vigentes não conseguia exprimir com igual pregnância o efeito pretendido. Testemunho que nada tem de *engagéé*, pois ainda que sem termos veleidades de “aristocratas do verbo”, na feliz expressão de José Gomes Ferreira, nem com ele poderemos dizer “Dou o cavaco pelo calão. Sabe-me a vivo”, perfilhamos totalmente o seu postulado: “Mas ainda bem que crescem assim palavras em redor da segura agra dos gramáticos! Palavras e urtigas – a única possibilidade de vida em certas paisagens de pedregulhos.”

4 Repare-se na incongruência da “sucessora” que sucede ao “sucessor”.

Nosso anelo, se nos é permitido formulá-lo: haveremos contribuído para que os leitores mais jovens tenham concluído (confirmado?) não ser a literatura a propalada “seca”, mas que, ao invés, temos exímios escritores de cuja leitura e fruição só podem resultar momentos de indizível prazer, atarácicos. Lê-los é o repto que lhes lançamos.

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA-BASTOS, A. (1981). *Viagem de um Pai e de um Filho Pelas Ruas da Amargura*. Lisboa, Ed. O Jornal.
- BAPTISTA-BASTOS, A. (1984). *Elegia para um Caixão Vazio*. Lisboa, Ed. O Jornal.
- BAPTISTA-BASTOS, A. (1987). *A Colina de Cristal*. Lisboa, Ed. O Jornal.
- BAPTISTA-BASTOS, A. (1991). *Um Homem Parado no Inverno*. Lisboa, Ed. O Jornal.
- BESSA-LUÍS, A. (2005). *Doidos e Amantes*. Lisboa, Guimarães Editores.
- CARDOSO PIRES, J. (1987). *Alexandra Alpha*. Lisboa, Dom Quixote.
- GUERRA, A. (1985). *Café Central*. 2ª ed., Lisboa, Ed. O Jornal.
- LOBO ANTUNES, A. (1986a). *Memória de Elefante*. 12ª ed., Lisboa, Dom Quixote.
- LOBO ANTUNES, A. (1986b). *Os Cus de Judas*. 14ª ed., Lisboa, Dom Quixote.
- LOBO ANTUNES, A. (1988). *Explicação dos Pássaros*. 9ª ed., Lisboa, Dom Quixote.
- SARAMAGO, J. (1982). *Memorial do Convento*. 16ª ed., Lisboa, Ed. Caminho.
- SARAMAGO, J. (1986). *A Jangada de Pedra*. Lisboa, Ed. Caminho.